

Gilou

Posição ética mínima: fazer valer as idéias, apesar das resistências

A trajetória de **Gilberte Royer de Garcia Reynoso (Gilou)** se associa aos momentos mais marcantes do movimento psicanalítico argentino nas últimas décadas, graças a uma intensa atividade no campo clínico, teórico e formativo que se expande para além dele, propiciando um pensamento crítico que aspira a uma incidência ético-política. Esse percurso não dispensa rupturas com o “instituído”, tal como sua renúncia à Associação Psicanalítica Argentina, da qual era membro didata, em 1971, juntamente com os integrantes do Grupo Plataforma. Nem, tampouco, dispensa debates intensos e complexos no processo de elaboração de caminhos alternativos dentro do movimento psicanalítico.

Gilou esteve em São Paulo, a convite do Departamento de Psicanálise do Sedes, em junho deste ano. Os temas desenvolvidos nas conferências e Seminários nos colocaram algumas questões sobre as quais ela conversou longamente com Fátima Vicente, Sílvia Alonso e Mário Fuks, membros do Departamento da Psicanálise do Sedes. Dessa conversa extraímos os fragmentos seguintes. Se não reproduzem totalmente a vivacidade do diálogo e o estilo da entrevista, pensamos conter os aspectos mais marcantes dos pensamentos por ela expressos.

Percorso — Em sua conferência, no Sedes, você se referiu ao 8º Congresso Psicanalítico Latino-Ameri-

cano, convocado em Porto Alegre em outubro de 1970, é a mudança do tema que aconteceu naquela oportunidade. Poderia esclarecer melhor qual foi o conflito institucional suscitado?

Gilou — O tema proposto para o congresso era “Violência e Agressão”. Os psicanalistas brasileiros enviaram aos argentinos um comunicado dizendo que o momento político no Brasil não oferecia condições para se desenvolver esse tema. A discussão que então se detonou na A P A foi: manter o tema — já que este nos parecia importante — e mudar o lugar do congresso ou manter o lugar, e então mudar o tema. Foi proposto, em substituição, o tema “Novas Correntes em Psicanálise” e, por decisão da maioria, o Congresso se realizou em Porto Alegre, com esse tema. Foi uma escolha que deu prioridade ao lugar institucional, à necessidade de se adaptar ao que a instituição maior — a ditadura de um país — impôs como limite ao pensamento.

Freud propunha, como posição ética mínima, fazer valer as idéias, apesar das resistências. Não foi esse o caso. “Novas Correntes em Psicanálise” poderia ter sido um tema a se desenvolver, mas, naquele momento, estava colocado em substituição ao outro tema, que sofria uma censura; estava, portanto, cumprindo uma função encobridora, apesar de oferecer uma idéia de abertura. Não abria, fechava o pensamento dentro das paredes da teoria e da instituição psicanalítica, enquanto o outro tema — censurado por uma intervenção extra-muros, de fora das instituições, mas que recaiu sobre as instituições — testemunha que algo deve ser entregue em sacrifício para se continuar tendo uma existência dentro da margem institucional imposta pela censura. Entretanto, dessa forma, venceram as resistências contra a psicanálise e não o exercício da psicanálise contra as resistências.

Percurso — Esse tema das “correntes” está muito presente atualmente. Os analistas parecem estar muito preocupados com a filiação...

Gilou — Interessei-me pelo tema da filiação porque acho que há cadeias interrompidas pela censura. É importante que se possa reconhecer uma cadeia genealógica no que isso significa retomar um fio. Reconhecer o que me antecedeu, não me pensar onipotentemente nascida do nada ou podendo trazer a “boa nova”, sem qualquer nexos com o que antecedeu.

O trabalho é o de oferecer à população um conhecimento das margens, das possibilidades de que dispõem, se não estivessem reduzidos ao silêncio.

Há buracos que interrompem a cadeia genealógica e fazem buracos na memória. Não permitem que se reconheça uma trajetória da psicanálise. Na Argentina, por exemplo, há muitíssimos analistas lacanianos que se analisaram com analistas kleinianos. Mas isso não se fala, quando todos sabemos que o saber psicanalítico se produz, não só pelos conceitos mas também pela análise. Filiação quer dizer: o que é que aconteceu antes.

Nas Jornadas de Laplanche, eu

disse: “Me declaro de enraizamento freudiano” — **isso é uma filiação, porque me reconheço nascida de um trabalho com Freud**, o que não quer dizer que não tenha ficado marcada por outros. Se renego que também passei pela corrente kleiniana, minha filiação fica com buracos.

Há também temas de trabalho, múltiplos temas, que censurados em algum momento ficaram fora das correntes oficiais e só depois foram retomados.

O termo “fillier” significa seguir um fio. Tem a ver com filho, mas também com fio.

A idéia de que a clínica não é só a clínica da cura é uma idéia que eu quero desenvolver, é uma idéia que eu encontro já em Freud. Se entendermos por clínica um campo no qual vão ser trabalhados, produzidos os conceitos da teoria, isso em Freud é a cura, mas é também o campo da cultura: a arte, as instituições etc.

O exemplo mais claro é a questão da transferência. Freud a encontra como resistência e obstáculo na cura, na qual a nomeia. Mas vai trabalhá-la como conceito e relacioná-la com o Ideal do Ego, com a Identificação na Psicologia das Massas.

A idéia de que a clínica psicanalítica é a clínica com o paciente é um modelo médico em que Método Clínico é observação prolongada ao lado do leito do paciente. A clínica, para mim, significa seguir trabalhando um conceito em determinada direção, porém em diferentes âmbitos.

Percurso — Você é a analista que é, não só pelo percurso teórico e de sua análise, mas também

1. “Declaro-me de enraizamento freudiano, tendo feito um percurso como todos os analistas de minha geração pelo kleinianismo, e me mantendo numa relação amistosa com o pensamento de Lacan, no qual muitas formulações me parecem importantes e valiosas, mais além das deformações e abusos que são a meu ver, fundamentalmente, efeitos de instituição”. Revista “**Trabajo del Psicoanálisis**”, vol. 4, número 11/12, 1991, pág. 178.

pelos acontecimentos históricos que a marcaram. Nesse sentido, o que você acha que marca os analistas dos anos 70 e dos anos 90?

Gilou — Que há modificação do campo, não tenho dúvida. Em 70, havia uma hegemonia total da IPA, aliás o que acontecia também no Brasil, não só na Argentina. A partir de um questionamento interno, se re-estruturou todo o campo. A pirâmide, que era absoluta, ficou muito modificada, aparecem espaços vazios nos quais vão surgindo diferentes correntes; inclusive a corrente lacaniana teve, na Argentina, a possibilidade de se inserir com muita força porque a pirâmide estava quebrada.

A outra coisa é que há toda uma corrente de psicanalistas que coloca sua prática a partir de questões relacionadas com estrutura de classes, com a possibilidade de práticas voltadas para um determinado tipo de pessoas, ou podendo ser utilizadas por diversos setores da população. Por exemplo, a proposta do CDI **.

A modificação do campo deveria ter implicado, no campo teórico, um trabalho mais produtivo e isso não ocorreu; colaborou com essa falta a dispersão dos psicanalistas no exílio. Atualmente, há um trabalho para processarmos, o que foi feito durante e depois da ditadura pelos organismos de direitos humanos, que coloca novas perguntas à psicanálise.

Sempre há retornos, há estruturas de poder que se rompem. Mas outras novas se re-instauram. Toda a estruturação “milleriana” é uma nova internacional que vai se reinstalando no movimento como uma relação de reprodução.

Nos anos 90, há uma influência lacaniana forte, as instituições da IPA perderam o centro, porém têm ainda sua força. Entretanto, o

que se multiplicou muitíssimo foram os grupos de pessoas que não se filiam a nenhuma corrente particular, e dessa forma são produzidas coisas transversais que são interessantes.

O campo está mais disperso que nos anos 70. Multiplicaram-se os centros de poder, modificaram-se as qualidades do poder, as perguntas se renovaram; creio que algumas ficaram suspensas. Acho que todo o problema levantado pela violência e pelo traumatismo social já é algo ineludível, algo a trabalhar.

Há em Lacan uma coisa que me parece muito rica: o importante a considerar é que o Outro é castrado.

Quer dizer, que não há Outro Absoluto. Justamente o problema é que isso é o insuportável.

Percurso — Como você acha que se pode intervir nessa perspectiva de uma clínica possível ampliada?

Gilou — Bom, que o psicanalista se interesse ou tenha algo a ver com o campo da saúde mental me parece importante. Entendendo por saúde mental não a organização em si mesma, mas o questionamento das instâncias manicômias, as instâncias da assistência pública e também como se abordam os grandes temas, como a Aids e o cólera.

A prefeitura de Buenos Aires

lançou uns cartazes em relação ao cólera que dizem: “Não tenha medo, tenha cuidado”. Como há grandes setores da população que não podem ter cuidado, pois isso implica ter água encanada, gás para ferver a água, possibilidades de evitar os riscos, então, se traduzirmos essa fórmula, equivale a dizer: “Não tenha nada, você não pode ter cuidado, não tenha medo e cale a boca”.

O medo é um recurso frente a não poder ter cuidado. Se lhes é tirado também o medo, já não há nenhum recurso.

Então, “saúde mental” implica também isso: pede-se a um indivíduo que entre em anomia total, que se desinteresse totalmente de suas condições de vida, que se des-subjetivize. Em última instância tirar-lhe o medo é lhe dizer: Entregue-se ao sacrifício.

O trabalho é o de oferecer à população um conhecimento das margens, das possibilidades de que disporiam, se não estivessem reduzidos ao silêncio.

Percurso — Algumas das concepções atuais relativas à cura parecem corresponder a uma entrada no campo da clínica do pessimismo, do niilismo, da quebra dos ideais, próprios ao momento histórico. A predominância do que está marcado, da repetição, do determinismo acabam sendo vistos como o máximo que se pode aspirar. Basta um reconhecimento do que é, e mais nada.

Gilou — Não me reconheço nisso.

Percurso — Havia um comercial na TV, no qual a moça falava: eu sou isto, isto, isto... Bem, com a mãe que tive... A fala de certos analistas atualmente parece ter certa semelhança com isso.

Gilou — Se essa é a mãe que teve, deixe-a viver e siga vivendo; vá viver a sua vida de outra maneira.

Como me coloco diante disso? Não é muito, porém, não é

** CDI: Centro de Docência e Investigação, da Coordenadoria de Trabalhadores de Saúde Mental, na Argentina.

pouca coisa pensar que um sujeito pode colocar-se diferentemente diante da frente à própria história, diferente de uma posição de fatalidade.

Isso pode ser formulado mais lacanianamente, se se quiser: mudança de posição subjetiva diante da castração. Diante da castração quer dizer diante do limite, diante da impossibilidade de realizar o desejo, ou ainda, diante da realidade da morte.

Então, isso me aniquila e penso que estou destinado à repetição permanente? Ou, então, nego totalmente — denego — e me faço uma espécie de onipotência, a do narcisismo absoluto? Fujo daí e começo a transitar. Recuperar a capacidade de substituir.

Sigo buscando, buscando, e me divirto muitíssimo buscando, porque sempre há mais a buscar, nunca vou chegar a tudo. E isso é o melhor. Em última instância, isso se chama vida, vida versus repetição absoluta.

Aí, volto eu a Freud. Porque o que Freud disse é que, se a pulsão está fixada nessas situações que impedem o movimento, há possibilidade de desligar e voltar a empreender ligações e, em última instância, abandonar os objetos à sua sorte e seguir adiante.

Abandonar os objetos à sua sorte soa meio apocalíptico, porém sabendo sempre que os objetivos são construídos pelo sujeito.

A respeito da concepção da cura e dos ideais, há certa corrente laciana que propõe o fim da análise de maneira atroz — é como eu penso —, que é o de chegar a des-ser e, então, à relativização de tudo.

Eu não creio que a teoria de Lacan seja isso. Penso que é um desvio que deve ser trabalhado. Há em Lacan uma coisa que me parece muito rica: o importante a considerar é que o Outro é castrado. Quer dizer, que não há Outro Absoluto. Justamente o problema é que isso é o insuportável. É o

insuportável para quem anseia um narcisismo total, tentação de narcisismo que está na montagem e na constituição de cada um dos sujeitos.

Isso pode resultar em uma coisa totalmente alienada. Porém, a princípio, se na análise algo da análise funciona, todo o trabalho tende a desfazer, a desarmar isso. Buscar poder colocar-se de maneira a suportar uma perda; que a perda possa ser uma libertação para ir em direção a outras coisas, e a fazer-se criativo.

O que amarra é o desconhecimento exatamente daquilo que nos amarra e que, através da análise, pode transitar por um caminho capaz de desfazer alguns nós do passado, atualizados na transferência.

Na medida em que isso ocorre há maior liberdade de ampliar as possibilidades de inserção no mundo — de pelo menos ter uma margem para tanto — ou seja, de

fazer-se sujeito de sua própria vida, em vez de padecê-la como se fora um objeto.

Libertação é uma palavra um pouco grande, porém algo disso creio que há. Freud dizia que uma das metas da análise poderia ser chegar a amar e a trabalhar. Isso parece um pouco restritivo, porém depende do que se entende por amar e trabalhar.

Penso que amar quer dizer que não estamos falando somente de narcisismo; que, pelo contrário, se constitui um outro que significa além da possibilidade de um suporte narcisístico, uma diferença produtiva.

Trabalhar? Bem, entendo que seja **criar**, eu traduzo assim o que diz Freud.

Trabalhar para sobreviver não é suficiente. Sobreviver é necessário, mas, além disso, há também algo sublimatório que faz falta. Há que produzir, de alguma maneira, no simbólico.